



“QUEM MANDOU MATAR?”: ARGUMENTAÇÃO, TEXTUALIDADE SERIADA E DISPOSITIVO VITIMÁRIO NO CONFRONTO ENTRE HASHTAGS

Deborah Danny da Silva Pereira¹

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Fernando Ferreira da Silva Ananias²

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

RESUMO

Este trabalho, de base discursivo-materialista, busca refletir a respeito da pergunta “Quem mandou matar Marielle?” a partir da noção de *dispositivo vitimário*, de Daniele Giglioli (2016). Assim, é importante dizer que, considerando as disputas (sobretudo no digital) em torno da morte da vereadora Marielle Franco, esta pergunta funciona como um gesto de denúncia que é constantemente deslegitimado. Uma das formas de deslegitimação é a circulação de respostas parafrásticas com outras perguntas, tais como “Quem mandou matar Sérgio Moro?” ou “Quem mandou matar Bolsonaro?”, ou seja, perguntas que produzem um deslocamento em relação à figura política vitimada. Há, portanto, uma repetição da estrutura da pergunta (“Quem mandou matar?”) e uma variação do nome da vítima (de Marielle para Sérgio Moro/Bolsonaro), o que nos permite compreender este enunciado como uma textualidade seriada (DIAS, 2019), isto é, textualidade formada por um traço comum e estável e, ao mesmo tempo, pela substituição de um ou mais elementos do conjunto de tal modo que um discurso diferente é produzido através da variação (DIAS, 2019). Nesta variação, no interior de um processo discursivo de argumentação (ORLANDI, 2023), o elemento que se altera já produz este “discurso diferente” pois promove uma disputa em relação a quem seria a (verdadeira) vítima, produzindo um efeito de sentido de invalidação, tanto do crime contra Marielle Franco quanto do próprio gesto de denúncia textualizado pela pergunta/hashtag. Portanto, nossa proposta é entender como funciona, neste caso específico, o deslocamento da posição de vítima, pensando em seus efeitos nos confrontos político-sociais.

Palavras-chave: Argumentação. Textualidade Seriada. Dispositivo Vitimário. Hashtag. Marielle Franco.

RESUMÉN

Este trabajo, con base discursivo-materialista, busca reflexionar sobre la pregunta “Quem mandou matar Marielle?” desde la noción de dispositivo victimario, de Daniele Giglioli (2016). Así, es importante decir que, considerando las disputas (especialmente en el mundo digital) en torno a la muerte de la concejala Marielle Franco, esta pregunta funciona como un gesto de denuncia que se deslegitima constantemente. Una de las formas de deslegitimación es la circulación de respuestas

¹ Doutoranda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP). Mestra em Divulgação Científica e Cultural pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (LABJOR/UNICAMP). E-mail: deborah.p16@gmail.com

² Doutorando em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP). Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: fernandoanancias32@gmail.com



parafrásticas con otras preguntas, como "Quem mandou matar Sérgio Moro?" o "Quem mandou matar Bolsonaro?", es decir, preguntas que producen un desplazamiento con relación a la figura política victimizada. Hay, por lo tanto, una repetición de la estructura de la pregunta ("Quem mandou matar?") y una variación del nombre de la víctima (de Marielle a Moro/Bolsonaro), lo que permite entender esta afirmación como una Textualidad Serial (DIAS, 2019), es decir, textualidad formada por un rasgo común y estable y, al mismo tiempo, por la sustitución de uno o varios elementos del conjunto de tal manera que se produce un discurso diferente por variación (DIAS, 2019). En esta variación, dentro de un proceso discursivo de argumentación (ORLANDI, 2023), el elemento que cambia ya produce este "discurso diferente" ya que promueve una disputa con relación a quién sería la (verdadera) víctima, produciendo un efecto de sentido de invalidación, tanto del crimen contra Marielle Franco como del propio gesto de denuncia textualizado por la pregunta/hashtag. Por lo tanto, nuestra propuesta es comprender cómo, en este caso específico, funciona el desplazamiento de la posición de víctima, pensando en sus efectos en los enfrentamientos político-sociales.

Palabras clave: Argumentación. Textualización Serial. Dispositivo Victimario. Hashtag. Marielle Franco.

INTRODUÇÃO

"Quem mandou matar Marielle?"

Desde 2018, esta pergunta/hashtag³ circulou amplamente pelas redes sociais e pelos espaços públicos (inscrições em muros, camisetas, cartazes), tendo sido difundida por diversas figuras públicas como a cartunista Laerte e a escritora Eliane Brum, que assinalavam em suas postagens, ainda, a contagem do número de dias, demarcando há quanto tempo a questão seguia sem resolução. Tal enunciado se impõe – enquanto fato discursivo – como um material valioso para analisarmos de que modo foi e tem sido significado o crime político cometido contra a vereadora Marielle Franco e Anderson Gomes, seu motorista. Se voltamos nossa atenção para os comentários em resposta a tal interrogação, podemos observar o seguinte fenômeno parafrástico: a repetição da estrutura do enunciado é acompanhada de uma substituição de um termo. Ou seja, enunciados como "Quem mandou matar Bolsonaro?" e "Quem mandou matar Sérgio Moro?" comparecem nesses comentários, produzindo um efeito de deslegitimação da reivindicação inicial. Com a identificação deste fenômeno, entendemos que estes enunciados podem ser analisados a partir do que Orlandi (2023) aborda acerca da argumentação e, também, através da noção de Textualidade Seriada proposta por Dias (2019).

Em linhas gerais, a argumentação é descrita pela autora como "ideologicamente estruturada" (2023, p. 44), isto é, seu funcionamento não seria da ordem do convencimento, mas da promoção do confronto entre formações discursivas distintas. Nessa direção, nosso recorte consiste em situar o enunciado "Quem mandou matar Marielle?" em relação aos enunciados que replicam sua estrutura e, ao mesmo tempo, alteram um de seus elementos, por isso que a noção de textualidade seriada nos é bastante cara, já que ela consiste em trabalhar com enunciados que, em série, circulam pela repetição e pela variação. Nesta linha, destacamos que o conceito de dispositivo vitimário (GIGLIOLI, 2020) será também mobilizado a fim de tomar esse confronto entre

³ Acompanhada ou não do símbolo da hashtag, entendemos que há uma cristalização desta pergunta como hashtag, ainda que circule em outros espaços além do digital.



enunciados, ou essa “batalha de hashtags” (PAVEAU, 2017), em seu funcionamento discursivo, ou seja, considerando os sentidos que estão em jogo nessa disputa.

1 QUADRO TEÓRICO

1.1 BATALHA DE HASHTAGS

Diante do nosso objeto de análise, entendemos que é importante estabelecer que tomaremos a hashtag como um componente linguageiro, amplamente utilizado nas redes sociais. A pesquisadora francesa Marie-Anne Paveau, especialista em análise do discurso digital, concebe a hashtag como uma *tecnopalavra clicável* que possibilita a formação de um fio de discursos e de usuários. Foi a partir do *Twitter* (atualmente *X*) que as hashtags começaram a circular, mas também é possível ver composições com o símbolo típico das hashtags (a cerquilha) em muros, camisetas, cartazes etc. Sua circulação é, justamente, um dos objetos de análise do livro *L'Analyse du Discours Numérique*, no qual Paveau (2017) comenta a respeito do fenômeno que é designado por ela como batalha (ou guerra) de hashtags. Para a autora, estas batalhas são representativas da participação online em geral, consistindo em uma concorrência entre hashtags normalmente controversas ou ofensivas, sendo que “existem muitos métodos para iniciar uma batalha, incluindo lançar uma hashtag contra a outra ou mesmo hackeando a primeira” (PAVEAU, 2017, p. 206, tradução nossa)⁴. Paveau (2017) também salienta que as hashtags, sobretudo aquelas “ativistas”, possuem um caráter argumentativo, funcionando como “palavras-argumento”. Citando Husson (2015), a autora explica que a prática militante por meio das hashtags vai além do marketing ou do “puramente online” e que isto se deve à “fluidez entre os universos digitais e não digitais (se é que esta abordagem ainda é válida)” (p. 207, tradução nossa)⁵.

Para citar um exemplo deste fenômeno, podemos recorrer a Pereira (2018) que, em sua dissertação de mestrado, descreve uma guerra ocorrida entre as hashtags #voltaquerida e #ficaquerida, que entraram em disputa com a hashtag #tchauquerida. Tais enunciados ganharam evidência em 2016 durante o processo de golpe contra a então presidenta Dilma Rousseff. Em nosso caso, também escolhemos olhar para o funcionamento destes enunciados/hashtags na textualização dos conflitos políticos, voltando nossa análise especificamente para a batalha de hashtags que é travada em torno do crime contra Marielle.

No entanto, cabe ressaltar que nos distanciamos do entendimento de Paveau a respeito do funcionamento dessas “batalhas”, na medida em que partimos da noção de que o caráter argumentativo da hashtag (e da batalha entre hashtags) deriva do fato de que este segmento linguageiro “funciona de forma discursiva e se constitui como lugar de poder e disputa” (PEREIRA, p.19), e que, portanto, é pela ideologia que as hashtags (e não somente aquelas hashtags “ativistas”) significam, produzem sentidos e podem se constituir, pelo simbólico, como um espaço de confronto.

1.2 ARGUMENTAÇÃO, DISPOSITIVO VITIMÁRIO E TEXTUALIDADE SERIADA

Ao tomar como objeto os enunciados “Quem mandou matar Marielle” e “Quem mandou matar Bolsonaro” em circulação pelas redes sociais (especificamente na rede social *X*, antigo

⁴ No original: “(...) plusieurs méthodes existent pour lancer une « bataille », notamment le lancement d'un contre-hashtag ou le hacking du premier” (Paveau, 2017, p. 206).

⁵ No original: “C'est cependant sans compter sur la fluidité des circulations entre les univers numériques et non numériques (si tant est que cette distinction soit encore valable)” (Paveau, 2017, p. 207).



Twitter), ponderamos que – neste recorte – a circulação do segundo enunciado é impulsionada como uma resposta ao primeiro. Deste modo, entendemos que este material pode ser situado no interior de uma argumentação, processo discursivo que, segundo Orlandi, não se trata de “um resultado de intenções do sujeito em relação a seu interlocutor, mas um processo de significação, historicamente determinado e ideologicamente estruturado” (2023, p.44).

Se Paveau descreve essa disputa como uma batalha entre hashtags, optamos, portanto, por nos ancorar em Orlandi (2023, p.49) que, ao tratar da argumentação empreendida entre o governo Bolsonaro e seus opositores, descreve esse processo discursivo como uma argumentação que coloca em jogo uma “guerra de sentidos”. Nessa perspectiva, em nosso gesto de análise, entendemos que os enunciados que textualizam o caso Marielle pelas redes tem sua significação afetada por uma guerra de sentidos que coloca em disputa a posição de vítima.

Para destrinchar essa questão, recorreremos à noção de dispositivo vitimário (GIGLIOLI, 2020), conceito que pode ser descrito como um mecanismo ideológico que seria, na proposta do autor, preponderante no debate político contemporâneo. Em suas palavras, na disputa política, “a vítima é um bem invertido. Não há nada de bom (seja no sentido desejável, seja no de justo) na condição da vítima (...)” (GIGLIOLI, 2020, p.107), mas, ainda assim,

o dispositivo vitimário tem a seu lado a força da palavra sem mediação, presente a si mesma e sem a necessidade de verificação externa: diante de uma vítima real, sabemos imediatamente o que sentir e pensar. Desse status se apropria, transformando por transferência analógica uma desvantagem em vantagem. (2020, p.35).

Giglioli elabora em muitos aspectos o funcionamento desta engrenagem ideológica que confere à posição de vítima um imaginário de poder. Para esta análise, nos deteremos em dois tópicos destacados pelo autor: o “rancor vitimário dos vencedores” e a “concorrência pelo primado da vítima”.

Então, voltamos nosso olhar para o funcionamento do dispositivo vitimário no discurso das “elites que se rebelam” (...) “contra a esquerda, contra os intelectuais” (GIGLIOLI, 2020, p.106), fenômeno que Giglioli denomina como o “rancor vitimário dos vencedores” a fim de descrever os grupos sociais e políticos que reivindicam o status de vítima, ainda que não ocupem esta posição historicamente. Em nossa leitura, este “rancor vitimário” é textualizado pelas respostas parafrásticas à pergunta-denúncia “Quem mandou matar Marielle?” que buscam chamar atenção para “atentados” e “vítimas” que não são equiparáveis.

A batalha de hashtags, por sua vez, pode ser pensada aqui em relação ao fenômeno que Giglioli retoma de Jean-Michel Chaumont: a “concorrência das vítimas”, ou seja, “a disputa pelo primado do sofrimento” (2020, p.41). Nesse sentido, nossa análise permitirá que esta noção de “concorrência das vítimas” possa ser observada em sua materialidade discursiva, assim como em sua inscrição no digital.

Chegando, então, no nível da formulação desses enunciados, recorreremos à noção de *textualidade seriada* que, conforme Dias (2019) conceitua, consiste na textualização de um enunciado em uma

serialização que, por um lado, se caracteriza pela repetição explícita de um elemento da série (aquele que garante a legibilidade pela identidade do texto como



pertencendo a uma série) e, por outro lado, se caracteriza pela variação do dizer, sua regularização no interior de uma série. (2019, p.65).

Apesar dessa noção ser trabalhada por Dias em relação aos memes, o funcionamento descrito é pertinente para o processo parafrástico em jogo em nossa análise.

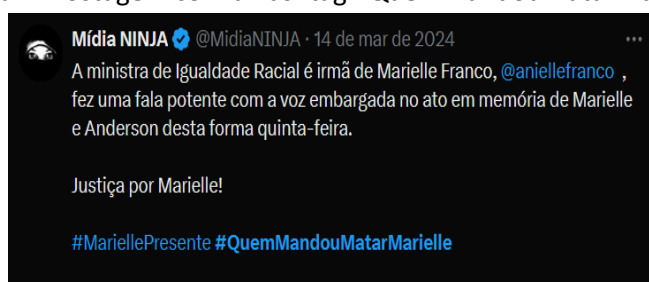
Desse modo, tendo em vista o quadro teórico apresentado, entendemos que seria muito produtivo tomar tal processo de argumentação/batalha entre enunciados como uma textualidade seriada, uma vez que estamos diante de um processo discursivo que consiste na repetição de um traço comum e estável acrescido da substituição de um ou mais elementos. Assim, ainda que a estrutura da pergunta seja mantida no enunciado-resposta e seja alterado apenas o sujeito político mencionado (indo de Marielle a Bolsonaro, e de Marielle a Moro), este modo de textualização produz sentidos outros, e é por isso que nosso gesto de análise busca descrever e interpretar a guerra de sentidos que é produzida a partir dessa variação, como veremos na seção de análise a seguir.

2 DE “QUEM MANDOU MATAR MARIELLE?” A “QUEM MANDOU MATAR BOLSONARO?”: UMA BATALHA DE SENTIDOS

Apresentado o quadro teórico que nos orienta, partimos, então, para a análise dos materiais que nos permitem observar a textualização dessa “batalha” de sentidos.

Nas primeiras duas imagens (figura 1 e 2), vemos hashtags que circulam a partir de sujeitos que se inscrevem em formações discursivas opostas. Na figura 1, a postagem é marcada com a hashtag “#QuemMandouMatarMarielle” para divulgar a fala da atual ministra da igualdade racial, Anielle Franco, irmã da vereadora Marielle Franco, e reforçar o clamor por justiça em relação ao assassinato de Marielle. Na figura 2, a postagem faz circular o enunciado “Quem Mandou matar Jair Messias Bolsonaro?!”, solicitando às autoridades, a partir da sugestão de Romeu Zema, governador de Minas Gerais, para que se investigue o atentado contra o ex-presidente Jair Bolsonaro. Nestes dois materiais, podemos observar como estes enunciados circulam, produzindo efeitos de sentido em torno de eventos políticos e demarcando a formação discursiva no qual o sujeito do discurso se inscreve.

Figura 1: Postagem com a hashtag #QuemMandouMatarMarielle.



Fonte: X



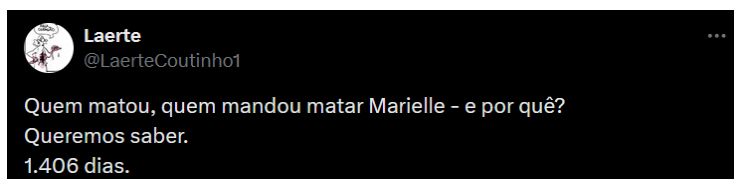
Figura 2: Postagem com a pergunta “Quem mandou matar Jair Messias Bolsonaro?”



Fonte: X

Na figura 3, podemos observar como, novamente, o enunciado/hashtag em análise está textualizando um gesto de denúncia. Na postagem da cartunista Laerte, lemos: “Quem matou, quem mandou matar Marielle – e por quê? Queremos saber. 1.406 dias.”. Na figura 4, a postagem da jornalista Eliane Brum repete esta mesma estrutura em torno da pergunta, apresentando a contagem dos dias e acrescida do “por quê?”. Nesta sequência, chegamos, então, a um material em que os enunciados/hashtags entram em confronto. Uma das respostas à postagem de Eliane Brum é composta apenas por perguntas que replicam a mesma estrutura, como um eco distorcido: “Quem mandou matar Sérgio Moro é porque? Quem mandou matar Bolsonaro e porque?”⁶. Dadas as condições de produção desse enunciado, podemos entender que a repetição dessa estrutura trabalha para equiparar os acontecimentos, circunscrevendo outras figuras políticas (Bolsonaro e Moro) na posição discursiva de vítimas de um crime político.

Figura 3: Postagem com a pergunta “quem mandou matar Marielle – e por quê?” e a contagem de dias.



Fonte: X

Figura 3: Postagem com o jogo parafrástico (Marielle > Sérgio Moro > Bolsonaro).

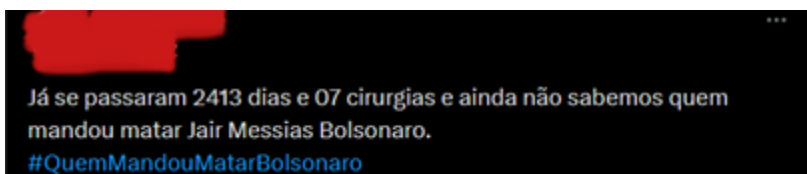
⁶ Transcrevemos o enunciado sem alterações, tal como está escrito no post.



Fonte: X

Na figura 5, chamamos atenção para o modo como a pergunta/hashtag/denúncia enunciada em favor da justiça por Marielle é parafraseada também em outros de seus termos: “já se passaram 2413 dias e 07 cirurgias e ainda não sabemos quem mandou matar Jair Messias Bolsonaro”. Neste enunciado, o número de cirurgias a que Bolsonaro foi submetido após sofrer seu atentado comparece como marca de legitimação de sua posição como vítima, como forma de acentuar sua posição em relação ao caso Marielle. O efeito de sentido produzido é de que o caso Bolsonaro carrega maior gravidade, uma vez que pode ser contado não apenas em relação ao tempo transcorrido, como também em relação ao número de cirurgias as quais a “vítima” foi submetida.

Figura 5: Postagem com a hashtag #QuemMandouMatarBolsonaro.



Fonte: X

Finalmente, Na figura 6, temos a textualização dessa série em outras condições de produção: quando as investigações chegaram à resolução a respeito de seus mandantes; nesta postagem, o sujeito do discurso agradece a Deus pela resolução do caso Marielle (que ainda segue em curso), aproveitando o gancho para dirigir críticas à esquerda que não teria ficado satisfeita, pois o mandante do assassinato “não foi quem eles queriam que fosse”. Arrematando a sequência, o sujeito do discurso replica a estrutura da pergunta, alterando o sujeito vitimado, tal como nos outros materiais analisados: “Agora, o Brasil quer saber: Quem mandou matar Bolsonaro?”. Reforça-se, portanto, a imagem de vítima atribuída ao sujeito político Bolsonaro, pois, nessa construção, a justiça seria também sua algoz, já que estaria em atraso com a resolução de seu caso, ao mesmo tempo em que solucionou o caso de uma figura política do campo oposto. Na “concorrência pelo primado da vítima”, a imagem do líder-vítima é construída justamente em torno de sua vulnerabilidade e seu desprestígio em comparação aos seus oponentes.

Figura 6: Postagem com a pergunta “Quem mandou matar Bolsonaro?”.



Zucco
@deputadozucco

Seguir

Graças a Deus, o Brasil já sabe quem mandou matar a Vereadora Carioca, Marielle Franco.

Sabe porque a esquerda não está comemorando? Porque o mandante do assassinato, não foi quem eles queriam que fosse.

Agora, o Brasil quer saber: QUEM MANDOU MATAR BOLSONARO?

Queremos saber.

Fonte: X

Tendo em vista os materiais recortados nesta análise, recorreremos, novamente a Orlandi (2023, p.49). Ao descrever o funcionamento da “guerra de sentidos” promovida pelo bolsonarismo, a autora reflete que a argumentação consiste em “destruir os sentidos que os confrontam”, e, ainda, “se substituir a essas formações discursivas, com que se confrontam, visando construir a dominância de “seus” sentidos nos processos de significação”. Este é um funcionamento que parece descrever justamente este modo de argumentação, a partir da textualidade seriada e do aporte do dispositivo vitimário, observado no confronto entre enunciados aqui analisado. Neste sentido, é possível afirmar que enunciados como “quem matou Moro?” ou “quem matou Bolsonaro” procuram “se substituir” à pergunta “quem mandou matar Marielle?”, produzindo nesse deslocamento um efeito de sentido de que os casos seriam equiparáveis e, ainda, de que o clamor por justiça em relação ao crime contra Marielle estaria sendo privilegiado em relação a outros casos de violência sofrido por outros sujeitos políticos. Ecoando Orlandi, podemos concluir, portanto, que tal argumentação, fundamentada pelo rancor vitimário, se constrói em “um processo de eliminação do outro, pela deslegitimação, pelo silenciamento, pela dessignificação.” (ORLANDI, 2023, p.49). Nesta guerra de sentidos, a serialização funciona, portanto, como um modo de apagar/silenciar os sentidos de um enunciado que se filia a uma formação discursiva distinta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, pudemos demonstrar como se produz um discurso de deslegitimação da gravidade e da urgência da pergunta/denúncia “Quem mandou matar Marielle?” a partir das respostas parafrásticas “Quem mandou matar Bolsonaro?” e “Quem mandou matar Sérgio Moro?”. Este modo de textualização, no interior de uma “batalha de hashtags”, foi aqui compreendido à luz do fenômeno que Giglioli descreve como “a concorrência pelo primado da vítima”. Em outras palavras, a variação nessa formulação mostra que, mais do que um deslize de sentido (de Marielle para Bolsonaro, de uma formação discursiva progressista para uma bolsonarista), o que emerge é um sentido de deslegitimação do crime contra Marielle a partir de um deslocamento que situa estes sujeitos políticos (Bolsonaro, Moro) numa disputa pela posição imaginária de vítima. E isto ocorre porque, conforme afirma Giglioli (2020, p.12), alcançar certa posição vitimada representaria uma “uma casamata, uma fortificação” no debate político.



Assim, é interessante notar que o argumento que opera em “Quem mandou matar Bolsonaro?” (e suas derivações) não se dá pela lógica, até porque os episódios ocorridos com Sérgio Moro ou com o ex-presidente nem de longe são comparáveis ao crime contra Marielle Franco. De fato, no confronto ideológico, não é a coerência que produz sentidos, mas a ideologia, que faz parte do processo de identificação do sujeito e, portanto, “não se aprende e nem pode ser mudada a nosso bel prazer” (ORLANDI, 2023, p.43). Estas perguntas, então, textualizadas seriadamente nesta batalha, jogam mesmo com a *perda de sentido*, com o *insignificante*⁷, produzindo efeitos que superam a compreensibilidade ao colocar Bolsonaro como uma vítima – em detrimento de Marielle Franco –, ao passo em que reforçam um imaginário ideologicamente construído e materializado pelo rancor *vitimário dos vencedores* de que, na verdade, seriam os representantes da esquerda ou dos direitos humanos os verdadeiros algozes de nossa história.

REFERÊNCIAS

DIAS, Cristiane. Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes. **Revista de la Sociedad Argentina de Estudios Lingüísticos**. 2019.

GIGLIOLI, Daniele. **Crítica da Vítima**. Belo Horizonte, MG: Editora Âyiné, 2020.

PAVEAU, Marie-Anne. **L’analyse du Discours Numérique**. Dictionnaire des formes e des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 2017.

PEREIRA, Deborah Danny da Silva. **Funcionamento discursivo das hashtags: um olhar para a #somostodos**. (82 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2018.

ORLANDI, Eni. **Argumentação e Análise de Discurso: conceito e análises**. São Paulo, SP: Editora Pontes, 2023.

⁷ Orlandi (2023) entende que o insignificante são os discursos “sem eira nem beira”.